

Cultura Viva e o transbordamento de fronteira - entrevista com Célio Turino

Célio Turino¹

Deborah Rebello Lima²

Luiz Augusto F. Rodrigues³

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v14i26.63905>

Cultura Viva (Living Culture) and border crossing - interview with Célio Turino

Célio Turino was the creator and manager of the Cultura Viva Program at the Brazilian Ministry of Culture from 2004 to 2010.

Cultura Viva y cruce de fronteras - entrevista con Célio Turino

Célio Turino fue el creador y gestor del Programa Cultura Viva del Ministerio de Cultura de Brasil de 2004 a 2010.

Cultura Viva e o transbordamento de fronteira - entrevista com Célio Turino

*Entrevista com Célio Turino (E) concedida aos pesquisadores Deborah Rebello Lima, da UFPR, (P1) e Luiz Augusto F. Rodrigues, da UFF, (P2), realizada de modo online em 23 de abril de 2024*⁴.

¹ Célio Turino. Doutor em Humanidades pelo programa Diversitas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Integrante do Instituto Casa Comum, São Paulo, Brasil. E-mail: celioturino65@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0000-5349-6474>

² Deborah Rebello Lima. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, Brasil. E-mail: deborahrebello@ufpr.br - <https://orcid.org/0000-0002-4598-5347>

³ Luiz Augusto Fernandes Rodrigues. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Titular do Departamento de Arte da UFF e coordenador do Laboratório de Ações Culturais - LABAC-UFF. E-mail: luizaugustorodrigues@id.uff.br - <https://orcid.org/0000-0003-0583-9641>

⁴ Algumas referências serão complementadas entre colchetes ou explicitadas em notas de rodapé, com a indicação NE: (nota do editor).

Célio Turino. Graduado e Mestre em História pela Unicamp, Pós-Graduado em Administração Cultural pela PUCSP e doutor em Humanidades pelo programa Diversitas, da USP. Autor de diversos livros, publicados no Brasil e no exterior, nos idiomas espanhol, inglês e italiano. Esteve como Secretário de Cultura e Turismo na cidade de Campinas (1990/92); Diretor de Promoções Esportivas, Lazer e Recreação na cidade de São Paulo (2001/04); Secretário da Cidadania Cultural no Ministério da Cultura (2004/10). No MinC, foi responsável pela formulação e implantação do Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura. Como apontado em seu currículo Lattes: “É escritor e, desde 2011, viaja pelos rincões do mundo, sobretudo aldeias, vilas e favelas na América Latina, escutando histórias e escrevendo sobre elas”.

Célio Turino já nos concedeu entrevista em diferentes momentos e sobre diversos temas. Para a edição deste dossiê privilegiamos o transbordamento de fronteiras do Cultura Viva.

P2 – Você considera que há mudanças profundas nos conceitos de Cultura Viva no Brasil e na América Latina?

E – Eu entendo que sim, e que o marco é a construção conceitual filosófica da cultura viva desde 2004, porque ela trabalha o sentido de cultura a partir da ideia da biopotência, que é essa potência da vida; é a biopotência que vai conseguir enfrentar a necropolítica e o biopoder. Porque o biopoder e a necropolítica, eles se entrelaçam. Hoje isso está muito claro, inclusive em alguns países que estão sendo utilizados como experimento para a necropolítica, como El Salvador (que eu conheço bem e fui inclusive entrevistado pelo atual presidente Nayib Bukele, quando ele ainda era um moleque; ele era da FMLN inclusive⁵. E no Equador, conheci também, por coincidência também o filho de milionário, que é o Noboa⁶, fala espanhol com sotaque gringo, porque ele foi criado em Miami e que são os dois grandes laboratórios da necropolítica na América Latina. À frente a necropolítica, e o que conseguirá enfrentar,

⁵ NE: FMLN - Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional - partido político socialista de El Salvador.

⁶ NE: Daniel Noboa, atual Presidente do Equador desde 2023. Foi membro da Assembleia Nacional entre 2021 e 2023; nascido em Miami em 1987.

no meu entendimento, é a biopotência. E esse conceito da biopotência, da potência da vida, ele se desenvolve e se pratica pela cultura viva. Então, desde 2004 eu já percebia que estava tendo um marco. Depois ela se expande. Entendo, inclusive, que aquela conceituação mais clássica do Canclini - ele coloca dos cinco modelos de expansão da cultura pela América Latina, que é o modelo biológico telúrico, o primeiro que é, enfim, pega esse cosmo ambiente chamado latino-americano; a expansão pelas relações de Estado, muito a partir das independências, que houve no século XIX; a expansão cultural mercantil; a militar e que inclusive teve aí uma presença grande nesses modelos aí do anos 1960, 70, a partir do golpe militar no Brasil, mas principalmente depois, quando consolida ali nos anos 70, vai se construindo o modelo de expansão da cultura; e o que ele classificava assim como emancipatório nesse sentido do histórico-popular. Então, são esses cinco modelos. Eu diria que a cultura viva incorpora (e até conversei com Canclini quando ele teve aqui o ano passado, aqui em São Paulo), que a Cultura Viva incorpora um sexto modelo que é o modelo comunitário, que é a realização dessa integração latino-americana. Ela difere do histórico popular porque ela não é ideologizada nesse sentido mais partidário de modelo, mas ela é comunitária. Ela vem mesmo nesse sentido, de baixo pra cima. Então, acredito que essa é a grande expressão.

O evento Solidariedade aos Pontos de Cultura na Argentina, eu que sugeri, e foi feito assim em cinco dias e já reuniu gente de tudo quanto é lugar. Só não consegui ter pronunciamento de Cuba, porque Cuba não acessa o *streamyard*, que foi a ferramenta que a gente usou. Não teve Cuba, Venezuela e o Chile deu problema também. O restante todos os países estavam presentes. Como você consegue criar um movimento de solidariedade continental em tão pouco tempo e que vai do sul ao norte do continente? Exatamente porque tem essa liga desse modelo comunitário de baixo pra cima. E que é uma expressão dessa biopotência, entendo que essa é a grande contribuição da cultura viva enquanto filosofia, enquanto conceito, muito mais do que a prática, do que as formas de repasse, dos apoios.

P2 – Seguindo um pouco essa ideia dos conceitos estruturantes do programa, da política, e as pautas da diversidade, do reconhecimento, da participação? Como você avalia?

E – Então... eu estou aqui pensando para medir um pouquinho a palavra, mas enfim, vamos direto. No meu entendimento, a prática aqui no Brasil ela chegou num determinado momento ser o maior programa de identidade e diversidade cultural do mundo; e de tudo o que eu tentei estudar, olhar, eu não vi nada, nada na dimensão do que nós fizemos no Brasil. Quando depois é expandido pela América Latina, ainda mais. E é uma política de diversidade, ela tem na diversidade uma de suas forças, mas ela é diferente das políticas de diversidade hoje apresentadas, no que entra aí, entre aspas, “cultura *woke*”⁷ ou, entre aspas também, o “identitarismo”. Eu não gosto de usar esse termo porque não é identidade como ideologia, seria identitarismo, seria isso. Eu não vejo dessa forma. Mas por outro lado, o que tem prevalecido sob essa capa da diversidade, na verdade é uma cultura da hiper-fragmentação construída a partir da diferença. Então, esse é o mote original, é o de buscar as diferenças e os recortes de diferença e hiper-fragmentando a diversidade. A cultura viva é o oposto disso. Ela trabalha a diversidade, estimulando os processos de encontro. Então ela... e na América Latina, a gente conseguiu reproduzir dessa forma. Tem ideias de grupos de música erudita se comunicando com um ancestral, comunitário, popular, uma busca pela raiz ancestral, mas é um ancestral histórico, assim, numa perspectiva de construção também. Então, no Chile, buscando costurar com a tradição do Emilio Recabarren, que foi o fundador do Partido Comunista Chileno na década de 1910/20 e que percorria todo o norte do Chile e depois também o Sul, com os camponeses estruturando centros culturais. Então as células do Partido Comunista no Chile foram todas a partir de uma ação de identidade e diversidade cultural. Então, veja, não é ideológico no sentido que eu estou dizendo, mas formador disso. Se pegar ali na história é Emilio Recabarren. Ele e a a mulher dele, a esposa dele, Teresa Flores, que era uma feminista. Então é uma identidade que ela se faz num processo de diversidade, que é totalmente oposto ao que se vê hoje. Assim, acredito que... - inclusive na hora que as pessoas perceberem o caminho da diversidade, que ele está no encontro, não na fragmentação - essa biopotência, ela vai se realizar com mais força e aí a gente vai conseguir fazer frente a esse ambiente assim, de total domínio

⁷ NE: Na gíria norte-americana, ser ou estar woke pode indicar com quais posturas políticas você mais se identifica. O uso de woke surgiu na comunidade afro-americana. Originalmente, ele queria dizer "estar alerta para a injustiça racial".

sobre as possibilidades da humanidade. Então, todas assim sendo coisificadas ao extremo. Então, é nessa dimensão que eu vejo diversidade.

No Brasil foi assim também, por exemplo, lá em São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul. É uma cidade pequena. A princípio teria um ponto de cultura só, caberia nela, ela fica nas margens da Lagoa dos Patos. Tem uma grande colônia de pomeranos em São Lourenço do Sul, e pomeranos são os eslavos germanizados e falam pomerano, como em Pomerode, mas ainda no Espírito Santo, também. Então as três colônias pomerano, e que ao mesmo tempo São Lourenço do Sul tem um quilombo e ambos não se conversavam. E aí nós trabalhamos para ter dois pontos de cultura lá. Então, eu não poderia trabalhar, não seria legítimo eu trabalhar a diversidade só com o Ponto de Cultura com o quilombola. A princípio se diria: “ah, os quilombolas foram os mais excluídos e deslegitimados.” Então, para criar um equilíbrio, teria que só fortalecer o quilombola. Mas aí eu não estaria trabalhando diversidade. Por outro lado, se trabalhasse um Ponto de Cultura só com os pomeranos também não, né? Até porque se diria “ah, mas eles tem uma tradição musical germanófilo, grande. Então vem de uma tradição da imigração, de grupos culturais e tudo mais.” Mas também não seria diversidade. Era necessário ter os dois. Quando a gente opta pelos dois, em pouco tempo o que a gente constrói lá? Um coral afro-pomerano, não incentivado pelo governo, mas sabendo que isso possibilitaria a promoção do encontro. Quando surge um coral afro-pomerano, eles se descobrem de uma outra forma e aí a diversidade ela se realiza, porque ela sintetiza uma outra coisa. Eles se descobrem, inclusive, escravizados, os pomeranos - que o pomerano vem de eslavo, eslavo vem de escravo. Eram populações eslavas, foram germanizados e que eram usadas como infantaria, inclusive na Segunda Guerra, e para morrer mesmo. Então, apesar de estarem ali dentro daquela ideologia alemã, e mesmo de direita, mesmo nazista (agora tem pouco Pomerano na Alemanha, inclusive falam mais o idioma pomerano aqui no Brasil do que na Alemanha), mas eles tinham essa falsa consciência de se sentirem na diversidade, na identidade com o germânico. Mas aí eles se descobrem a partir dessa aceleração de processo de diversidade promovida pelo Ponto de Cultura, eles se descobrem muito mais próximos com os quilombolas. Não sei como está hoje. Creio que com todos os desmontes que o Ministério da Cultura promoveu ao longo dos

últimos 15 anos, talvez, não sei se tenha prosperado, mas foi uma experiência que sintetiza muito esse sentido de diversidade contida no conceito, na ideia de ponto de cultura.

P1 – Vou pegar uma carona nesse debate, Célio, um pouco para a gente problematizar exatamente isso. Acho que você percorreu bastante bem das especificidades do debate de diversidade que a PNCV, que a Cultura Viva estava circunscrita lá no começo dos anos 2000, etc. Que hoje a gente está caminhando para outros acionamentos, em alguma medida, até o questionamento do conceito de diversidade em si. Tudo isso virou uma marca dessa Conferência que acabou de acontecer. Essa ênfase na negação, digamos assim, do termo da diversidade. Por outro lado, a gente pode, em alguma medida, fazer um paralelo que a expansão do conceito é também fruto desse exercício de alteridade, tanto do movimento do cultura viva comunitária, dos agentes da sociedade civil, quanto até dos movimentos do próprio Iber, digamos assim, dos Estados fazendo essa movimentação de diplomacia cultural etc. Como é que você enxerga isso assim, esse pano de fundo que vai trazer consequências para o próprio futuro do debate sobre o que é, o que dá conta desse guarda chuva amplo da cultura viva?

E – Então, você veja, a expansão da cultura viva ela se deu por uma ação comunitária a partir de indivíduos e coletivos comunitários. E daí ela chegou nos Estados (então, é por isso que ela... conversando rápido com Canclini, ele concordou que caberia, sim, ter esse sexto modelo da expansão comunitária). Ela não se deu por um arranjo entre Estados primeiro, mas ela cresceu do comunitário e ela chegou nos Estados. O exemplo da Argentina. Argentina foi o primeiro país a abraçar formalmente assim, a cultura viva. Eu já tinha saído do Ministério, mas era ainda em 2010, eu tinha saído recente. Aí eu fui para lá. Houve uma marcha na Praça de Maio, umas 500 pessoas até a praça da Casa Rosada, da cultura já dos movimentos comunitários pela Cultura Viva na Argentina. E daí junto com eles eu tive várias reuniões com deputados e senadores da Argentina. Então foi assim que se construiu o processo, também com a Secretaria de Cultura, que é o equivalente ao Ministério, sempre acompanhado dessas lideranças locais. Posso citar porque são para mim, são muito relevantes. Eduardo Balan, Inês Sanguinetti, depois a Emília de la Iglesia, Silvia Bove, enfim. Mas

no primeiro as duas que tiveram um papel muito determinante. Foram a Inês, que era uma bailarina, de elite da sociedade argentina e o Balan, um militante comunitário de esquerda peronista da grande Buenos Aires. Então, por aí a gente foi. Ao fazer esse movimento, essas pessoas, elas ganharam também legitimidade no seu país. Aí foi assinado o primeiro convênio de acordo entre Estados entre... por proposta da Secretaria da Presidência da Cultura da Argentina, com o Ministério da Cultura [do Brasil]. Isso foi em 2011, ele foi assinado em junho ou julho de 2011, enfim, vocês vejam que foi uma construção de baixo pra cima.

No mesmo ano, em agosto, foi aprovada a primeira Lei da Cultura Viva, antes do Brasil, que foi em Medellín. Foi a partir dos movimentos comunitários. Aí já foi uma outra situação. Aí lá, com prefeito, palestra na Câmara dos Vereadores. Depois foi em Lima, foi uma vereadora de lá, a Lula Martinez. Ela veio a São Paulo - também por estímulo do pessoal de movimentos comunitários de lá- e aí ela propôs uma lei, a Lei Cultura Viva em Lima. E daí depois começou a pipocar em um monte de lugares.

Mesmo o movimento IberCultura Viva, ele foi resultado disso. Esse já foi um pouco mais construído. Em 2009 nós organizamos, aí eu como secretário da Cidadania Cultural, o segundo Congresso Ibero-americano da Cultura. O primeiro foi no México. Eu estive lá até para propor para que o segundo fosse no Brasil. E aí nesse a gente apresentou pros coletivos e pros Estados e pros governos - que é da SEGIB - Secretaria dos Estados Gerais Ibero-americanos -, a Cultura Viva. O tema foi Cultura e Transformação Social. Fizemos um catálogo bem bacana, mostrando em português e espanhol. Resultou na criação do IberCultura Viva no Congresso de 2013 em São José, na Costa Rica. Mas antes que ele fosse formalizado, inclusive a proposta foi do Manuel Beregond, que era um ministro e músico, ele que propôs dar o nome de IberCultura Viva. Inicialmente, o único voto contrário a esse nome foi do Brasil, mas aí ficou meio constrangedor e teve outros meninos falando que eles estavam dando esse nome em homenagem ao Brasil e aí se manteve o nome IberCultura Viva. O voto inicial do Brasil foi contrário, mas se chegou ao consenso com o IberCultura Viva. Mas pra chegar nesse momento, que foi também o encontro com mais de 500 pessoas, perto de 1000 pessoas assim, a gente fez uma mobilização que houve também ao lado do Congresso de Cultura Ibero-americano teve o encontro dos Pontos de Cultura

da América Latina. Naquele estágio, em 2013, eu já tinha percorrido toda a América Latina e todos esses lugares. Já tinha estado com o ministro da Cultura na Costa Rica, criando relações assim próximas, de amizade e tudo mais. Também no México, El Salvador, da Colômbia. A Colômbia sempre foi um pouco a parte assim, porque a Colômbia, os governos eram de direita. Foi muito particular, porque a gente conseguiu assim em Bogotá, em Cali, Medellín. Então as prefeituras eram muito fortes, inclusive no governo do Gustavo Petro, quando ele introduziu o programa Cultura Viva na Prefeitura de Bogotá, onde ele foi prefeito. Então era pelas prefeituras, não era pelo Estado, pelo governo central. Mas em todos esses lugares a gente já tinha feito. Então, quando chegou no congresso da SEGIB lá de Cultura na Costa Rica, estava uma coisa já construída. Mas note que sempre foi uma construção comunitária em todos os lugares, com agentes locais.

Dou exemplo: na Bolívia. Eu fui na Bolívia acho que a primeira vez, perdi a conta de quantas vezes estive lá. Mas a primeira vez foi em 2012. Eu fui a convite do Ivan Nogales, uma pessoa muito importante para a cultura viva. Ele que organizou o primeiro Congresso Latino-americano da Cultura Viva em La Paz com 1300 pessoas. Mas em 2012, tem inclusive um centro cultural maravilhoso em El Alto de cinco andares, que é a casa dele, que tem espaço de teatro, um monte de coisas..., é um criador, era que ele já faleceu. E mais, era assim, um agente comunitário de teatro muito bom, talentoso, tudo, mas que não era considerado no país. Quando eu vou pra lá, ainda, minha saída do governo estava recente, então eu fui tratado como um “pop rock” assim, então a embaixada brasileira deixou um diplomata para me acompanhar, fiz um *tour* assim pela Bolívia de três semanas, fui em tudo era lugar com voo da vice-presidência, foi a vice-presidência que assumiu tudo. Meu livro saiu lá na Bolívia. Eu falei... quando acabou tudo isso, o Ivan Nogales, que era um líder comunitário, assim, nem era considerado, digamos, nem era conhecido por ser ministro da Cultura, pelo pessoal dos governos. Ele já sai como uma liderança, como um porta voz, a ponto de ter a capacidade de, no ano seguinte, organizar o Congresso Latino-americano, lá na Bolívia, país pobre, com poucos recursos e tudo. E a coisa foi feita, foi muito bem encampada pelo governo, inclusive. Então foi assim em todos os lugares. Foi desse jeito que virou. Então não dá pra dizer que Cultura Viva é uma ação de... que é uma

vontade que veio da proximidade com os Estados. Não é assim. Veio dos comunitários que criaram também não diria, foi uma pressão, em alguns lugares, um pouco de pressão. Na Guatemala, a gente fez uma passeata com 1000 pessoas na cidade, na Guatemala, em 2011. Uma coisa linda, mas ele sempre veio assim pelo comunitário, de um jeito que ia estabelecendo processos de diálogo e os governos ou governos municipais, o parlamento, o Executivo, variando um pouco, foram encampando até virar um programa intergovernamental que é esse da Secretaria Geral dos Estados Ibero-americanos.

P1 – Nos permita também fazer uma provocação, assim... em alguma medida eu entendo quando você está ponderando essa dimensão do de baixo pra cima, do agendamento comunitário etc. Mas em alguma medida, isso apaga, entre muitas aspas, a sua dimensão no processo. Porque nesse percurso a gente pode dizer talvez assim, fazendo uma analogia, que você fez um esforço, quase de diplomacia cultural. Ainda que você não tivesse mais no Estado brasileiro, você representava o Estado brasileiro. Você era a personificação da principal política, de que os grupos comunitários estavam ali na pressão para os seus governos executarem ações da mesma direção etc. Então, de alguma forma tem, é sim essa pressão de baixo pra cima, mas que talvez ela não alcançaria esse lugar se você não tivesse nesse fator diplomático, digamos assim, fazendo uma espécie de mediação de processo. Negociando uma espécie de um agendamento político e ir fazendo uma forma de representação. O que você acha?

E – Você tem razão. É que, pela minha personalidade, meu estado de hoje em dia, eu estou meio assim, me desprendendo de muita coisa. Mas você tem razão. É a mesma coisa, eu diria, se você me permite, é o mesmo que talvez eu tenha levado assim até um setor, mesmo dos Pontos de Culturas acreditarem em talvez (às vezes eu reflito sobre isso)... eu falei tanto que, assim: “que o Ponto de Cultura já existia, ele foi potencializado. Esse movimento foi de baixo pra cima”. Eu acreditei tanto nisso, também que eu fui criando um certo mito, um mito desse de baixo pra cima, que ele não foi espontâneo. Ele teve o meu papel. Eu que eu tenho dificuldade em me colocar dessa forma. Mas de fato, se não tivesse o Célio Turino ali no Ministério da Cultura, idealizando, formulando, o Ponto de Cultura não é o que já acontece. Na verdade,

Ponto de Cultura ele é uma qualidade diferente, a partir da potencialização daquilo que as comunidades fazem. Mas quando ele se transforma em Ponto de Cultura e se articula em rede e tem o Cultura Viva, ele passa a ser uma outra coisa e isso só foi possível pelo conceito, pela filosofia. Na América Latina, eu concordo. E também seria isso. E assim eu já estava mais experiente então eu fiz de forma deliberada sim, a fortalecer essas lideranças comunitárias, que eram um pouco como no exemplo do Ivan, que é uma grande liderança, excepcional, eu fiz o prefácio de um livro dele, *Descolonização do Corpo*. Ele fez o meu. Tinha uma relação de irmandade, fomos na trilha de Che Guevara e tal. Sabe que a gente discutiu inclusive sobre isso, sobre o significado simbólico das coisas. Trocamos muitas ideias sobre esse simbolismo. Nós não fomos só atoa na trilha do Che Guevara. Vamos fazer um movimento revolucionário de uma guerrilha, de uma outra forma. E fizemos isso. Mas em cada lugar que eu ia, eu busquei assim fortalecer e identificar esses pontos de potência entre os pontos, aquelas pessoas que tinham realmente algo muito, muito especial para oferecer e fortalecê-las. Então, dar destaque. No México tem isso, em El Salvador tem isso, aí o Júlio Moja, a mulher dele, no meu livro, eu vou contando os personagens.

Então, em cada lugar... na Guatemala. Na Guatemala, um pessoal, um casal que tocou a caixa lúdica, a *caja lúdica*, eles nem da Guatemala são, eles são da Colômbia e foram viver lá. Conta a história deles toda, depois para a Nicarágua, se desencantaram com a Nicarágua. E foram, chegaram, então... Não, não tinham o respaldo assim no país. Com as minhas chegadas nesses lugares, isso aconteceu. Eu fiz de forma deliberada, porque eu entendo que aqui tem uma combinação entre o filosófico, conceitual, que é muito de vanguarda que se apresenta no cultura viva e o do "sentir pensar", que é o da sensação, da emoção. Eu procurei praticar isso. Então, por exemplo, você fala "foi lá, levou a ideia da cultura viva, foi no congresso acadêmico, uma reunião governamental. Aí foi jantar com as autoridades e nisso convenceu", "o cara é muito bom de papo". Não foi assim. Eu ia nos lugares, nas favelas, nas aldeias. Sabe o que é subir morro em Cusco? Cusco está a 3600 metros. Eu subi morro, porque tinha um grupo de jovens que praticava capoeira, de jovens indígenas aymará. Aí eu fui lá conhecer, escrever sobre eles, conversar sobre eles.

Para mim, que tenho bronquite, pior ainda. Fui lá em San Antonio de los Cobres, 4000 metros de altitude. La Puna, Argentina. Uma coisa desenrolada. Era a cidade com maior índice de suicídio de jovens na Argentina em relação a população. Se atiravam de uma ponte. Então eu fui lá, uma agente que foi conosco, ela desmaiou. Por que? Pela altitude. E fui. E fotografamos, conversamos e vimos filme junto com os jovens, trocamos e-mail; até poucos anos atrás publicava com as meninas e conversava... Então foi-se criando uma rede de afeto muito profunda. Isso deu uma liga que eu diria que eu desconheço outras assim, outros movimentos. E as pessoas vem, se juntam e se reúnem e fazem, né? Então, eu acho que teve isso.

P1 – Você falou um pouco desse movimento internacional, e que você se preocupou muito nesse olhar para as lideranças e esse trabalho que é quase antropológico etc., que guarda muita semelhança com o que você fez quando você era gestor, fazia a mesma coisa. Você ia no Ponto pra conhecer, etc. O que você acha que tem/teve de diferente em relação ao contexto brasileiro? Foi o fator governamental? Foi a perda de espaço na agenda? O que você acha que é diferente?

E – Então no Brasil foi meio natural, não foi muito pensado; na América Latina, foi pensado, eu fiz sabendo o que estava fazendo. Eu chegava no lugar já querendo identificar onde que eu ia jogar luz ali, emprestar assim, digamos, o meu prestígio. Dois anos atrás, fui no Chile, aí a Irina, esposa do Boric, pede um jantar comigo, emocionada, leu tudo que eu escrevi. Ela é antropóloga, a primeira dama do país. Ela é assim, tem uma relação. E então isso traz um prestígio também, nas vezes que eu vou. Em alguns lugares, diminui um pouquinho, mas em outros continua tendo de uma forma bem, bem grande. Eu não estando envolvido há 15 anos, mas eu fazia deliberado, assim, sempre acho que foi um pouco o conceito, a prática desse *sentir pensar*, como conceito, e um jeito que me fez bem.

P2 – Há também aqueles que acham que o Cultura Viva foi o estopim da participação, tanto nacionalmente, quanto na própria base comunitária, ou seja, os próprios territórios mais do que qualquer processo de conferências, qualquer outra coisa que tenha sido o Cultura Viva, meio que *Na Trilha de Macunaíma*, meio que o construtor de uma identidade participativa. Eu acho que vai um pouco nessa perspectiva. Então eu queria ver se você também acha. E em sendo assim, o que a gente pode esperar

desse movimento participativo enquanto resistência aos processos de desmonte ou de retrocesso, como com Milei na Argentina, quanto na própria paralisação que teve no Brasil. Pelo menos até o final do governo Bolsonaro. Se há outros movimentos na América Latina também de desmanche? Como é que você vê isso e até que ponto esse estopim é suficiente ou não é suficiente, uma coisa mais demorada, para fazer frente a esses desmanches todos, se é que você reconhece o Cultura Viva como esse estopim da participação efetivamente?

E – Eu reconheço, eu acho bom você relembrar o *Na Trilha de Macunaíma*, que é o meu mestrado e o meu livro que foi lançado quando eu estava no ministério, inclusive eu não trabalhei muito ele. Eu terminei o livro foi em 31 de dezembro de 2003, eu assumi o ministério lá, a secretaria, em 31 de março de 2004. Então estava tudo muito fresco. Eu me identifiquei muito com Mário de Andrade. Um gênio. Eu me identifico com ele e o segui. Quando teve o estúdio multimídia, foram três inspirações, três fatores, dois são inspirações que foram muito explícitas. Teve a missão Folclórica de Mário de Andrade, que era um olhar de fora e ele como diretor de cultura, financiou para fazer o registro da cultura popular. Agora, com a tecnologia, eu tenho condição de fazer a mesma missão folclórica Mário de Andrade pelo olhar de dentro, pelos Pontos. Outra inspiração foi o Sérgio Buarque de Holanda, que eu também tenho assim uma... desde os 11 anos de idade sempre tive a felicidade de ler o livro, o livro didático que eu tinha era dele, se dava isso em escola pública e então também li tudo e o Sérgio Buarque ele falava que a grande frustração dele foi não conseguir construir uma história do Brasil de baixo para cima - é uma entrevista dele. Então, eu fiquei com isso na cabeça. Então, quando eu uso o subtítulo do livro *Brasil de baixo para cima* é lembrando disso. E que eu pensei também que o estúdio multimídia faz isso. A outra influência foi assim do pessoal da cultura digital. O Cláudio Prado e, enfim, então foi mais ou menos isso. Então é explícito estar “na trilha de Macunaíma”. Às vezes eu até falo: Quer entender como é que cheguei na ideia do Ponto de Cultura? Leia esse livro que eu escrevi, que é o *Na Trilha de Macunaíma*. Você vai ver que ali estão as pistas para isso.

Voltando ao que a Deborah fala, é isso. Enquanto no Brasil foi uma coisa sendo construída, na América Latina foi planejado. Eu sabia bem o que fiz e nas mais de 50

viagens que eu fiz várias assim, muito profundas e indo para muito lugar - era muita coisa. Eu sabia exatamente o que eu queria de mim. E o que eu tinha que entregar para as pessoas, mesmo que as pessoas me recebendo não compreendessem bem isso. Mas foi. E tinham ainda outros diálogos, que eu acho que se criou assim uma rede de intelectuais orgânicos.

P2 - Eu quero retomar uma coisa. Pensa comigo. Eu acho assim, quanto a questão da participação e do Cultura Viva como sendo a potência de um devir, não plenamente realizado nesse sentido. Só que uma participação, uma participação não realizada efetivamente, ela não passa pela formalidade de conferências, de conselhos, uma participação que nasce e se fortalece meio que na linha do Sérgio Buarque de Holanda, ali como um "semeador" num mundo cada vez mais "ladrilhador", cada vez mais cartesiano. Essa possibilidade, a semente. Eu não sei se foi essa figura que você trouxe do *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque, mas eu gosto muito dessa tensão que ele faz entre o ladrilhador e semeador.

E – É, não está explícito. Mas eu acho que você tem razão. Eu acho que está muito impregnado.

P2 – E na perspectiva, ser o semeador de protagonismos, de autonomias, de uma dimensão político, público-político dos direitos sociais cada vez menos exercidos na sua possibilidade, em sua plenitude, então eu vejo um pouco a Cultura Viva como sendo um pouco a potência de intervir nessa perspectiva.

E – Concordo com você e te agradeço até por colocar. Interessante, inclusive, que o Sérgio Buarque de Holanda, hoje ele é meio jogado assim, prum índex mesmo acadêmico, e eu vejo que ele tinha e tem uma contribuição, ele tem *insights* muito preciosos pro Brasil. Eu acho que eu vou começar a assumir mais essa influência do pensamento Sérgio Buarque na construção de Cultura Viva. Sempre deixei muito explícito o Mário de Andrade até pela minha auto identificação com ele. Mas do Sérgio eu não falei tanto, e eu gosto muito do *Visão de Paraíso*. Mas se vocês pegaram bem, e é verdade, isso da semente está sempre presente, minha tese é *Viagem à Semente*, agora eu vou escrever, eu estou terminando outro livro, um livrinho curtinho assim, que é *Sementeira*. Então tem, vem, vem mesmo do Sérgio Buarque.

P2 – Vou seguir aqui mais um pouco e voltar no IberCultura Viva um pouquinho e ver uma coisa no movimento que surge a partir do Brasil. Protagonismo importante. Como é que você vê na sequência desses dez anos do Iber, se o Brasil tem conseguido protagonizar uma liderança ou não nesse processo?

E – O reconhecimento externo ao Brasil ele é muito grande. Mas a efetividade, mesmo formulação... aquele curso da CLACSO, que tem já várias turmas de pós em cultura de base comunitária, então não passou tanto pelo Brasil. Foi em 2012, na Rio+20, que conversando com Ivan Nogales a gente chegou a um termo para fazer a Caravana da Cultura Viva, que saiu de Copacabana, no Lago Titicaca, foi até Copacabana na Rio+20, no Rio. Eles vieram em um caminhãozinho desses bem, bem antiquinhos, em bem caminhão de escolar americano, umas 20 pessoas e eu que organizei as paradas, foram recebidos nos pontos. Eles não tinham dinheiro para pagar a gasolina da viagem seguinte. Era uma parada, bancava a seguinte, mas funcionou tudo tão bem que deu tudo certo e aí, na hora de votar, chegou-se a pensar sugerir o Brasil, e eu não. Vamos no coração da América do Sul, Bolívia, que sempre fica à parte e tal. Aí na da Bolívia também se colocou: "Ah, vamos fazer no Brasil. O Brasil tem mais recurso". E aí o pessoal de El Salvador pediu e falou: "ah, nós sempre ficamos fora", aí eu também. Aí, como eu falava, era meio assim tranquilo, não é impositivo, mas o pessoal acatava, assim na hora. Então foi em El Salvador. Teve votação também para ser "Ah, não vamos fazer em Quito". Então o Brasil perdeu esse protagonismo, apesar de ter assim grandes referências.

P2 – A escritura do seu livro "*Por todos os caminhos: Pontos de Cultura da América Latina*", de 2020. Você foi escrevendo a partir das suas viagens, você fez isso em memória posterior? Conta pra gente um pouquinho.

E – Foi posterior. Esse foi a pedido do Papa. Ele... eu assinei, eu tenho convênio com o Papa, que eu assinei com ele, que ia fazer o livro em 2016, porque nas vezes que eu tive com o Papa, eu falava, eu entreguei a versão argentina do *Ponto de Cultura, Brasil de baixo para cima*, mas eu ia contando dos da América Latina, que aí ele: "por que você não faz um sobre a América Latina?" Porque o Papa ele se interessou pelo Ponto de Cultura, porque tem uma proximidade muito grande do conceito "ponto de cultura" com o conceito que é dele, é do Jorge Bergoglio, que é o conceito da "cultura

do encontro”. No livro eu até falo disso. Então foi isso que fez com que ele se interessasse, gostasse, enfim. Ele conheceu e aí ele me estimulou a fazer isso. Aí uma das vezes que eu fui lá, eu assinei um convênio de que ia fazer o livro e consegui um apoio de captação de recursos e conseguiram o financiamento pela Lei Rouanet com o Bradesco. Vira e mexe tem alguém que escreve para mim que foi numa agência do Bradesco e viu o livrão lá. Ele foi lançado em Castel Gandolfo que não fica em Roma, mas é o Palácio de Verão do Papa, lá onde passou aquele filme dos papas. E aí o Francisco ele transformou num lugar de encontros. E aí ele cedeu para eu lançar o livro lá. E então eu fui. Foi em 2017. Foi muito bom porque a Silvana, que é minha companheira, que organizou as viagens: todos os lugares que eu retrato aqui, quase todos eu já conhecia, já tinha mais ou menos a ideia da história e alguns foram de descoberta.

Tipo aquela que para mim foi um choque, que era do Obama. O Obama é que definiu. Fez com a Guatemala, os imigrantes da Guatemala, da América Central. Eles são capturados e mandados pra Guatemala, que recebe uma grana para isso. Inclusive ali tinha um ponto de cultura que era o *Frida Kahlo* - era com um casal de artistas plásticos. Eu acho uma passagem bonita que eu escrevi até. Eu gosto. E eles fazem um trabalho numa casa de migrantes com filhos com crianças que eram presas lá nos Estados Unidos, separadas dos pais, foram expulsas. E aí eu conto a história de três crianças. Três irmãs foram presas lá no Texas, porque elas estavam fazendo travessura na rua. Os pais não eram documentados, eram de El Salvador e elas foram deportadas para ficar numa prisão que é chamada Casa do Migrante. E aí o único espaço assim de humanidade que elas tinham era o trabalho do ponto de cultura que ia lá: foram pintar nuvens, mas não conseguiam ver o céu para pintar. Então, enfim... Essa foi uma história que eu descobri lá na viagem, mas o grosso foi organizado previamente, já sabia onde eu queria ir e tal. Aí foram... ao todo, acho que de viagem foram 60 dias viajando, mas eu ia e voltava. Então ele foi feito assim. Diferente do *Ponto de Cultura*; *Ponto de Cultura* eu escrevi de memória, das viagens que eu ia, e eu tenho os capítulos conceituais. Assim, teve história que eu escrevia “quente”, tipo a que eu abro lá de Araçuaí, eu voltei de Araçuaí, estava no aeroporto, eu abri o laptop,

escrevia, botei a música lá dos Fernando Brant, lá do Milton. Escrevi. Outras vezes eu fui escrevendo de memória.

Esse não, esse eu fiz planejado. Ele tem até outro nome. O livro que eu lancei lá para o papa é o *Cultura a unir os povos*, mas que virou *Por todos os caminhos*, que na verdade era um dos capítulos, que era *Por todos os cantos*. É que eu não queria confundir, né. Então ficou um livro bem bonito e eu fui com... foi a Silvana e o Mário, que é meu irmão. Ele é fotógrafo, grande fotógrafo e aí ele... foi muito boa essa viagem, essas viagens.... e ele ia fotografando e fazendo os registros; você veja que nesse livro, inclusive, ele tem mais fotos. São muitas. São muitas fotos assim, fotos grandes, bonitas e muita gente que a gente... Então é um pouco dessa coisa de ir consolidando as lideranças. Foi assim. Esse livro serviu também para isso, tem as fotos das pessoas. Eu conto a história da pessoa que eu queria destacar mais e tal.

P1 – Quando você estava na gestão, foram feitas muitas publicações sobre a Cultura Viva. Você tinha muito esse diálogo com os pesquisadores, você chegou a fazer um conselho consultivo etc. De encontro lá de Pirenópolis e tal. Você tem esse acervo de tudo que você, que foi publicado na época, que pelo menos você era gestor?

E – O que foi publicado? Sim, as atas não. Assim, o material bruto não, mas o que saiu em catálogo e tal eu tenho, mas deve estar no ministério também guardado, tem não?

P1 – Não tem; isso que é assustador, não tem.

E - Isso tudo estava lá, montei até um museu da Cultura Viva. Na sede da secretaria tinha um espaço que era o Museu, de todo o acervo que eu recebia.

[Célio foi mostrando neste momento da entrevista algumas das publicações que tem em casa] Esse aqui, esses foram os três volumes que saíram da revista Raiz. Ela era feita com recursos da secretaria e verba do PNUD. A exposição do Emanuel Araújo... eu chamei Emanuel Araújo para ser curador de uma exposição no Museu Afro. Fizemos boas viagens. Fomos juntos, a gente ia ali pelo Cariri tudo... isso aqui do Bené Fonteles: *Não é erudito nem popular?* Porque eu... sempre houve essa preocupação com a estética. Eu fiquei muito preocupado no começo, de o programa ficar muito nessa ideia de que ele era ali um programa de cultura social para a

periferia, que as crianças faziam, falando aqui com ironia, “um batuquezinho e tal” e todo mundo fala “ai, que lindo, pelo menos não está na droga, tirou a criança da droga”. Esse tipo de discurso eu abomino assim. Então sempre teve essa preocupação estética, então não foi só com intelectuais, inclusive de fora do país. Paul Erhart, ele que é da Universidade de Londres e vive no Brasil, ele até lançou um livro meu na Inglaterra. Tinha o casal Maria Benitez e o Ben Fisher, que era do Instituto Vygotsky. Ele alemão. Ela era argentina. Então sempre teve essa preocupação. A gente criou um conselho internacional na Teia de Fortaleza, pessoal convidado, vinha, enfim, essa foi uma preocupação exatamente porque eu não via o programa como uma política pública, só, assim uma política pública de governo ou mesmo de Estado. Mas queria aprofundar nesse sentido do conceito, enfim, e nos encontros que têm por aí a fora, eu também sigo tendo com muita gente assim. Povo de universidade...

P1 – Nesse processo de transbordamento de fronteira, ao que você atribui um peso maior a esse movimento dos pontos de cultura no exterior? Esse interesse acadêmico pelo tema, pela política? Os eventos como o Fórum Social Mundial, por exemplo? - que teve uma ocupação dos Pontos de Cultura muito forte nos fóruns e o debate sobre a política, enfim, a que que você atribui esse movimento?

E – Acho que foi o entrelaçamento no Fórum Social em Belém, em 2009, acho que se tiver que pegar o marco de que a coisa começou a expandir para fora, o momento seria aquele. Aquele, e o encontro, o Congresso da SEGIB de Cultura Latino-Americana em 2009. Esses dois e tem o terceiro marco, que é o, e eu tenho que dizer, é o do *Quixote*. O *Quixote*, para mim, foi um laboratório assim muito diferente, que quando teve o Congresso do IberCultura, em 2009, aí eu recebi uma proposta do Pombas Urbanas, que era um pessoal que tinha uma proposta de montagem do *Quixote* em que cada país viria com um Quixote e um Sancho Pança, no mínimo, e cada país representaria uma cena. Esse espetáculo, ele foi feito para duas apresentações, apenas. Foi no Sesc Pompéia, custou caro e me criticaram muito por estar bancando financiamento disso, fiz em parceria com o Sesc. E nós trouxemos 100 pessoas da América Latina toda, acho que foram 13 países e botamos eles 15 dias no Ponto de Cultura Pombas Urbanas, na Cidade Tiradentes, preparando - o diretor cubano, o dramaturgo colombiano - e montamos o espetáculo. Eu diria que a

expansão do Cultura Viva, não é que saiu daí só, mas aí deu a liga, porque eram todos esses de grande referência, o Caixa Lúdica lá da Guatemala, TNT de El Salvador, o Nossa Gente de Medellín. Todo esse povo passou lá... Aí é que deu a amarração comunitária, foi a montagem do *Quixote*.

P1 – Então você fez um movimento. Dá para dizer que a gente tem um movimento comunitário e que tem um movimento governamental e um movimento externo...

E – E intelectual e acadêmico. E teve isso e você vê pelo seminário Pirenópolis. Eles tinham, até na minha tese eu usei ele e aí eu tinha gente que eu nem lembrava, assim tinha um antropólogo italiano que fez uma percepção assim. Eu li eu quase toda ela na tese, que foi muito boa. Eu não o conhecia, por exemplo, e que veio para alguém que deve ter chamado. Foi pelo Máximo Canivate, que já morreu, inclusive. Ele morava aqui no Brasil. E acho que ele convidou esse antropólogo e ele foi. Foi bom porque esse antropólogo, ele faz uma análise assim do que ele estava vendo. E foi bom que ele não estava contaminado com nada né. Ele estava no Brasil, convidaram e ele foi. E como um bom antropólogo, ele analisou o encontro. Então então tinha essa, essa coisa né? Ah, com o George Yúdice também. Então também tem muito gente aí que a gente criou uma teia, então tinha o respaldo acadêmico, digamos, a busca pelo respaldo acadêmico, pelo comunitário, pelo governamental.

Tentei fazer o respaldo econômico alternativo. Inclusive a gente fez uma negociação com o Pão de Açúcar [supermercado] para ter a gôndola do Cultura Viva. Eles estavam com um projeto que era uma gôndola de projetos artesanais. Assim, eu propus uma gôndola para vender, e também com a Infraero. Queria fazer um quiosque do Cultura Viva, mas isso num não vingou. Não consegui. Senão eu teria tido esse. E seria o ideal, porque daria uma... agora, a ideia com o Instituto Latinoamericano, a proposta do Instituto é que ele tenha um streaming Cultura Viva com assinantes, que ele tenha uma agência de notícias e streaming para lançamento de música, enfim, e mais umas coisinhas aí que vamos tentar criar para dar uma autonomia. Isso eu fui vendo pela situação agora da Argentina, para sair, porque todos tem uma sazonalidade mesmo na Colômbia, que já foi muito bom o financiamento, hoje não está tendo. Mesmo em Medellín, faz quatro anos que a prefeitura não banca os pontos de cultura lá. Então tem que ter uma alternativa própria.

P2 – Queria até te perguntar se o marco inicial da internacionalização do Cultura Viva tinha sido 2008 no México, quando o programa é apresentado no Congresso Ibero-americano ou antes. Você pegou como referência 2009 em diante. Você acha que esse congresso foi só uma apresentação do programa, não teve uma repercussão muito grande?

E – Não, teve, tanto que eu fui com o objetivo de propor que o Brasil sediasse o Congresso em função do Cultura Viva e foi aprovado assim. Tinha um problema que na verdade eu, como eixo do Congresso, tinha proposto, que seria “autonomia e protagonismo sociocultural”. Mas aí o pessoal do governo da Espanha... e o entendimento deles de autonomia é outro né? As autonomias, ali dos povos da Catalunha, da Andaluzia, Galiza e eles. Aí tirou a autonomia e ficou “cultura e transformação social”. Então é verdade, eu acho que é, digamos, o grande impulso, eu diria 2009. Mas teve esse marco de 2008. Ele já foi um bom reconhecimento. Outro marco que teve também, não é marco, mas o programa, o catálogo do Cultura Viva saiu publicado, que era aquele que saía no Word. Esse caderno que lança o Cultura Viva. Então tem todos os conceitos, tem tudo, que é aquele que eu escrevi um pouquinho antes de assumir. Tudo: gestão compartilhada, os conceitos empoderamento, protagonismo, autonomia. Tudo. Nós já fizemos em inglês e francês, em 2005 foi o Brasil na França, aí nós, nós levamos lá, então sempre teve essa preocupação de, não de expandir o programa, mas de expandir o conceito.

P1 – Eu queria pegar um gancho, um pouco para a gente tentar amarrar esse ciclo desse transbordamento de fronteira que é um pouco nosso objetivo do papo de hoje. Pensando nesse movimento que você fez, você foi então para uma outra corrente. Você foi para o movimento internacional. Assim, como é que é a sua avaliação hoje em relação a essa apropriação e ressignificação do conceito na América Latina? Pensando nessa ascensão conservadora, nessa outra percepção do conceito de diversidade que, como a gente começou lá no início do nosso papo, tem uma outra chave de acionamento bem distinta do começo dos anos 2000. Enfim, como é que você vê até a continuidade desse conceito pra fora?

E – O mundo está numa encruzilhada que se não assumirmos de novo uma perspectiva revolucionária, a gente vai entrar no processo de colapso de civilização

assim, muito grande. Então, é essa dimensão política que nunca foi escondida do Cultura Viva, ela deveria estar mais explicitada agora e devia ser mais radicalizada do ponto de vista, inclusive, de buscar uma unidade estética e de movimento, não uma uniformização, mas um movimento. Então, ela também é fragmentada, deveria criar uma estética de superação desse ambiente de enfrentamento e que conseguisse conversar do México até a Patagônia. Nessa mesma linha estética, artística, poética e política. Por isso que também começava a explicitar mais essa ideia da biopotência, que enquanto você tem... O biopoder é aquela disciplinarização dos corpos, a estruturação do Estado, dominando, né? Está resultando na necropolítica e a alternativa a isso seria a potência da vida. E eu penso que os pontos de cultura ou os movimentos que eles chamarem da forma que quiser, deveriam assumir isso com mais, com mais força. O pessoal ainda fica muito, às vezes, alguns, em alguns lugares, muito numa relação, talvez não é de dependência, mas é de subordinação. Então tinha que ir... aí hoje mesmo o meu pensamento ele radicalizou assim, de verdade, vai mais e eu fundiria a cultura viva com o bem-viver, ver com zapatismo, com que tem lá no Curdistão, os movimento feminismo e os movimentos autônomos do Curdistão. Então tudo isso tem uma lógica, tem uma estética, tem uma conversa. Na minha cabeça, eu acho que sim....